

# Trabalho em grupo: sentidos e significados na prática escolar

Autora **Clarice Conter\***

Orientadora **Ana Cristina dos Santos Alves\*\***

## Resumo

O objetivo deste estudo é compreender a intencionalidade da realização dos trabalhos em grupo, verificando os seus sentidos e significados na perspectiva de estudantes de 7º ano do Ensino Fundamental II de uma escola particular de Porto Alegre/RS. Para isso, propõe-se trabalhar com questões pertinentes à gestão de trabalhos em grupo na sala de aula, como: aprender a argumentar, ouvir a opinião do outro, dividir e planejar tarefas, aprender com as diferenças, respeitar e ser tolerante, exercitar a capacidade de negociação e outras habilidades. Para investigar como ocorrem as relações de grupo nas salas de aula, foi aplicado um questionário com turmas de 7º ano. Notou-se que não há um critério único de escolhas de grupo na sua formação e, na maioria das vezes, os conflitos iniciam nessa etapa, pois não há uma orientação aos estudantes para lidarem com exclusões ou trabalharem com as diferenças. Percebeu-se também que há uma variedade de trabalhos propostos pelos professores. Todos os entrevistados afirmaram haver exclusão em sala de aula na formação de grupos. Mesmo informando algumas situações que ocorrem e que não são “administradas” de maneira coerente pelos professores, a grande maioria dos estudantes acha importante a realização de trabalhos em grupo.

**Palavras-chave:** Trabalho em grupo. Aprendizagem. Gestão de sala de aula.

---

\* Orientadora educacional, pedagoga, especialista em Psicopedagogia e Interdisciplinaridade. Acadêmica do curso de Especialização em Gestão Curricular Marista e mestre em Gestão Educacional. E-mail: clarice.conter@maristas.org.br.

\*\* Mestre em Lingüística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil Assessora da Área de Conhecimento Linguagens e Códigos da Gerência Educacional.

# 1 · Introdução

## 1.1 Implicação da trajetória profissional com o tema e o problema de pesquisa

Alguns dos atendimentos realizados em meu setor, Serviço de Orientação Educacional (SOE), eram diretamente relacionados às questões da formação e do relacionamento dos grupos, incluindo exclusão de alguns colegas, lideranças que apareciam e que precisavam ser bem orientadas e “canalizadas” para a produção do trabalho ser efetiva, alguns conflitos de grupo, falta do exercício da empatia e outras demandas.

Muitas das questões trazidas sobre o tema, principalmente nos momentos de conselho de classe, poderiam ser resolvidas com uma atenção maior aos estudantes por meio de um espaço de escuta em sala de aula, no qual eles pudessem expor as suas angústias, os conflitos que estavam vivendo naquele momento em relação à formação e à condução dos trabalhos em grupo. Se essas questões pudessem ser resolvidas em sala de aula, os momentos de trabalhos em grupo poderiam realmente ser mais efetivos e objetivos.

A partir de algumas observações feitas, percebi, nos trabalhos realizados em sala de aula, que muitos aspectos que ocorriam durante o processo de trabalho em grupo não estavam claros, como, por exemplo, o fato de que ainda havia casos de exclusão e de que os conflitos que aconteciam não eram resolvidos. Foram essas observações que me levaram ao tema deste estudo: sentidos e significados que o trabalho em grupo tem na vida dos nossos estudantes.

Precisamos pensar que os estudantes passam grande parte de seu tempo na escola, que é o local apropriado para realizar o máximo de situações que oportunizem a eles algumas reflexões sobre as suas ações e o que elas refletem na sua vida e na do outro, a fim de que se tornem sujeitos autônomos, responsáveis pelos seus atos. É neste contexto de oportunidades que está inserida a dinâmica do trabalho em grupo.

Por meio da prática do trabalho em grupo, o estudante se relaciona de modo diferente com o saber e com os seus pares, além de ter a oportunidade de desenvolver as suas competências socioemocionais. Sendo assim, este estudo irá investigar as concepções dos estudantes de 7º ano acerca da relação entre os trabalhos em grupo e os modos como as escolhas, os tipos de atividade, os critérios de organização de grupo, etc. acabam interferindo ou não, nesta relação.

A pesquisa propõe-se a identificar quais tipos de trabalhos em grupo são propostos pelos professores, qual a intencionalidade ao solicitarem esses trabalhos aos estudantes e quais são os critérios de inclusão e exclusão escolhidos por estes nos momentos de formação dos grupos. A pesquisa também pretende conhecer os critérios utilizados pelos professores na formação dos grupos, as suas estratégias de organização e o que pensam sobre esta prática.

A proposta desta pesquisa é contribuir para a melhoria da formação dos grupos de trabalho em sala de aula. As informações coletadas por meio das entrevistas com os estudantes nos possibilitarão rever o processo e a dinâmica de como atualmente está se constituindo esta prática em nossas salas de aula. Também, por meio dos dados coletados, os professores poderão rever seu planejamento e suas práticas, repensando os seus objetivos e a sua intencionalidade.

Este estudo é relevante porque os resultados apresentados servirão de base para um projeto de intervenção junto aos professores e estudantes no que diz respeito a todas as etapas de um trabalho em grupo: formação, acompanhamento, critérios e avaliação.

# 2 · Fundamentação teórica

## 2.1 Grupo: o que é e o que falam alguns autores

Segundo o Dicionário Houaiss (2001, p. 1487), grupo é:

1 Conjunto de pessoas ou coisas dispostas proximamente e formando um todo [...] 1.1 reunião de várias pessoas [...] 2. conjunto de pessoas ou coisas que têm características, traços, objetivos, interesses comum [...] g. de referência soc. grupo do qual um indivíduo, com ele identificado, infere normas, valores, atitudes, categorias e objetivos sociais a seguir. g. social soc. conjunto de pessoas associadas por processos de interação, a partir de interesses, culturas, crenças comuns e/ ou por conviverem proximamente.

Zimmerman (1997) destaca que um agrupamento se caracteriza por um conjunto de pessoas que partilha de um mesmo espaço e tem interesses comuns, podendo vir a tornar-se um grupo. A passagem de um agrupamento a um grupo propriamente dito resultaria, segundo o autor, da transformação de interesses comuns em interesses em comum; isto é, os integrantes de um grupo reúnem-se em torno de uma tarefa e de um objetivo comum ao interesse de todos. Além dessa peculiaridade, o autor enumera outras características de um grupo: forma uma nova entidade, com leis e mecanismos próprios; garante, além de uma identidade própria, as identidades específicas; preserva a comunicação; garante espaço, tempo e regras que normatizam a atividade proposta; organiza-se em função de seus membros, e esses organizam-se em função do grupo; apresenta duas forças contraditórias, uma tendendo à coesão e outra à desintegração; apresenta interação afetiva e distribui posições de modo hierárquico.

Para Zimerman e Osório (1997), todo indivíduo é um grupo na medida em que, no seu mundo interno, há um grupo de personagens introjetados, como os pais, os irmãos entre outros, que convivem e interagem entre si. Este fato indica que, se quisermos compreender o ser humano, devemos estudar sua vida em grupo.

Lewin (1978), por sua vez, considera que um grupo consiste numa totalidade dinâmica que não resulta apenas da soma de seus integrantes, tendo propriedades específicas enquanto totalidade, princípio da Escola da Gestalt. Para o autor, um grupo possui estrutura própria, objetivos e relações com outros grupos. A essência de um grupo não são as semelhanças nem as diferenças entre seus membros, mas a sua interdependência. Lewin (1978) caracteriza um grupo como um todo dinâmico, o que significa que uma mudança no estado de uma das suas partes provoca mudança em todas as outras.

O motivo para ingressar no grupo e a experiência de vida dos integrantes são consideradas como componentes influentes naquilo que Pichon-Rivière (1994) denominou heterogeneidade do grupo. A tese do autor é a de que, quanto mais heterogêneo é um grupo, maior a probabilidade de ser eficaz e atingir o seu objetivo. A homogeneidade e a heterogeneidade de um grupo afetam os seus resultados. Para Pichon-Rivière (1994), os grupos heterogêneos apresentam mais recursos, pois a presença de diferenças implica em mais diversidade para a troca do que há em grupos homogêneos. Entretanto, os grupos heterogêneos, pela sua diversidade, apresentam maior dificuldade em seu funcionamento do que os grupos homogêneos, apesar de o seu processo de crescimento ser mais eficaz em função das trocas interpessoais.

Senge (2010) conceitua a aprendizagem em equipe como o processo de alinhamento e desenvolvimento da capacidade da equipe de criar os resultados que seus membros realmente desejam. Para ele (2010), a aprendizagem em equipe:

é a capacidade dos indivíduos deixarem de lado suas ideias preconcebidas e buscar pensar conjuntamente, visando, com isto, alcançar os resultados que julgam desejáveis. Para se trabalhar aprendizagem em equipe é importante estar alinhado com o domínio pessoal e a visão compartilhada. Ele fala também que é importante que os membros da equipe sejam pessoas criativas e não reativas, da mesma forma, que sejam pessoas que pensam conjuntamente para o futuro, buscando os melhores cenários para a organização. Entretanto, não podemos ter pessoas totalmente dotadas de conhecimento pessoal e altos níveis de habilidades, se o principal delas não tiverem: vontade de aprender a aprender em equipe. Nota-se que nessa disciplina, a grande preocupação dos líderes e gestores consiste em desenvolver o pensamento e a comunicação coletiva afim de superar a soma dos talentos individuais.

Fernandes Calderón (1978 apud LANE, 1992, p. 80) defende que

grupo é uma relação significativa entre duas ou mais pessoas. Com isso, entendemos grupo como um conjunto de pessoas que, tendo um objetivo comum, desempenham juntas determinadas atividades, passando por diferentes processos de interação, em um dado tempo e espaço.

Ao falar em processo grupal e não em grupo ou dinâmica de grupo, Lane (1981, 1984) se posiciona, trazendo para o centro da discussão o caráter histórico e dialético do grupo. Ela coloca que não se trata apenas de diferença na denominação, mas de uma diferença profunda no fenômeno estudado. Também salienta que, a partir dessa perspectiva, estamos afirmando o fato de o próprio grupo ser uma experiência histórica, que se constrói num determinado espaço e tempo, fruto das relações que vão ocorrendo no cotidiano e, ao mesmo tempo, que traz para a experiência presente vários aspectos gerais da sociedade, expressos nas contradições que emergem no grupo, articulando aspectos pessoais, características grupais, vivência subjetiva e realidade objetiva. Para ela, ressaltar o caráter histórico do grupo implica compreender que o grupo, na sua singularidade, expressa múltiplas determinações e contradições presentes na sociedade contemporânea. Assim, segundo Lane (1984, p. 81-82):

todo e qualquer grupo exerce uma função histórica de manter ou transformar as relações sociais desenvolvidas em decorrência das relações de produção e, sob este aspecto, o grupo, tanto na sua forma de organização como nas suas ações, reproduz ideologia, que, sem um enfoque histórico, não é captada.

Todos os autores que conceituam “grupo” ou abordam os processos grupais nos remetem a sempre pensar que trabalhar em grupo é um processo de interação importantíssimo entre as pessoas, as quais acabam influenciando umas às outras direta e indiretamente. Tais influências produzem, de certa maneira, novos significados, novas maneiras de ver, de pensar, de interagir com seus pares e consigo mesmas.

## 2.2 Os sentidos do trabalho em grupo e suas relações com o desenvolvimento da aprendizagem

Partimos do princípio de que os seres humanos são criaturas sociais e comunicativas pois, em geral, gostam de interagir com outras pessoas. Por vários séculos predominou, no meio educativo, a corrente teórica condutista, segundo a qual o processo de ensino-aprendizagem era marcado pela transmissão de informa-

ções por parte do professor e pela memorização passiva e repetitiva por parte do estudante. Porém, partir dos estudos e conceitos desenvolvidos por Vygotsky, esse quadro começou a mudar. O autor (1998, p. 18) vem afirmar que “o verdadeiro curso do desenvolvimento do pensamento não vai do individual para o socializado, mas do social para o individual”. Conceitos como o de Vygotsky ajudaram educadores a compreender que a maior parte da aprendizagem é construída a partir de relações sociais. Mediante a conversa e o diálogo, os estudantes chegam à sua própria compreensão de um conceito ou conhecimento.

A aprendizagem colaborativa é caracterizada pela presença de grupos de estudantes que se responsabilizam pela interação que os levará a uma meta comum (FLORES; GONZÁLEZ, 2001). Vygotsky (1998, p. 110) nos aponta que “de fato, aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados”. Ele percebeu que as interações sociais são impulsionadoras do conhecimento, e a aprendizagem ocorre quando é intermediada pelo outro.

O trabalho em grupo é um recurso que vem sendo muito utilizado pelos professores, principalmente com o objetivo de proporcionar maior interação social entre os seus membros. Vygotsky comenta, ao tratar da relação entre aprendizado, interação social e desenvolvimento, que o trabalho em grupo é uma oportunidade de construir o conhecimento coletivamente, na troca com o outro. O trabalho em grupo é uma estratégia significativa para o aprendizado.

Davis, Silva e Espósito (1989, p. 50), também falam sobre a importância da interação social:

o papel e o valor das interações sociais para o conhecimento e para a sala de aula [...] é a de levar seus alunos a se apropriarem do saber escolar. O desenvolvimento cognitivo depende tanto do conteúdo a ser apropriado como das relações que se estabelecem ao longo do processo de educação e ensino.

No trabalho em grupo, o estudante exercita uma série de habilidades e, ao mesmo tempo, trabalha os conteúdos das disciplinas. A troca entre pares é de extrema importância para saber ouvir, argumentar, delegar tarefas, trabalhar com as diferentes opiniões e saberes, autoavaliar-se, fazer o exercício da autocritica, aprimorar os conhecimentos e tantas outras competências importantes.

Sobre a importância da interação para uma aprendizagem significativa, Vygotsky (1998) apresenta algumas considerações importantes em seus estudos acerca da zona de desenvolvimento proximal (ZDP) e da zona de desenvolvimento real (ZDR). Ele defende a ideia de que existe uma relação direta entre desenvolvimento e aprendizagem e que existem estes dois tipos de desenvolvimento: o real (ZDR) e o proximal (ZDP). O desenvolvimento real está relacionado às funções mentais amadurecidas, enquanto que o proximal se refere ao que a criança é capaz de fazer com ajuda de um adulto ou de crianças mais experientes.

Vygotsky (1998, p. 117-118) afirma:

O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que as cercam”. Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança.

Para Vygotsky (1998), a relação com o outro é, portanto, imprescindível. Sem o outro, o homem não mergulha no mundo sócio-cultural, não penetra na corrente da linguagem, não se desenvolve, não realiza aprendizagens, não ascende às funções psíquicas superiores, não forma a sua consciência, enfim não se constitui como sujeito. O outro é peça importante e indispensável de todo o processo dialógico (FREITAS, 1997).

Para Piaget (1998):

O conhecimento é gerado através de uma interação do sujeito com seu meio, a partir de estruturas existentes no sujeito. Assim sendo, a aquisição de conhecimentos depende tanto das estruturas cognitivas do sujeito como de sua relação com os objetos.

Essa interação acontece de maneira significativa e intensa nos momentos de trabalho em grupo, em função, principalmente, de esquemas e opiniões opostas que vêm à tona nesta interação. Os confrontos aparecem nas trocas.

Enrique Pichon-Rivière (2000) traz algumas contribuições bastante significativas em relação ao trabalho em grupo. Ele construiu todo o seu pensamento e sua teoria a partir de uma visão dialética da realidade. Suas concepções são baseadas na ideia de movimento e transformação contínua dos sujeitos, de seus vínculos e de seu modo de operar na realidade. Em relação aos processos grupais, o autor trata da importância de compreender a estrutura e o funcionamento dos grupos, como também dos modos de intervenção, objetivando instrumentalizá-los para a aprendizagem e para a transformação (FABRIS, 2009). Para o autor, o objetivo do trabalho em grupo é instrumentalizar o sujeito para uma prática de transformação de si, dos outros e do contexto em que estão inseridos. Ele defende também que aprendizagem é sinônimo de mudança, na medida em que deve haver uma relação dialética entre sujeito e objeto, e não uma visão unilateral, estereotipada e cristalizada. A noção de aprendizagem centrada nos processos grupais, defendida por Pichon, coloca em evidência a possibilidade de uma nova elaboração de conhecimento, de integração e de questionamentos acerca de si e dos outros. Para ele, a aprendizagem é um processo contínuo, em que comunicação e interação

são indissociáveis, na medida em que aprendemos a partir da relação com os outros, e aprender em grupo significa ter uma leitura crítica da realidade, uma atitude investigadora, uma abertura para as dúvidas e para as novas inquietações.

Sabemos que é na troca e na discussão com os colegas que a criança exercita sua opinião, sua fala, sua escuta, defendendo seu ponto de vista. O trabalho em grupo estimula o desenvolvimento do respeito pelas ideias de todos, a valorização e a discussão do raciocínio, dá soluções e apresenta questionamentos. Também proporciona momentos em que a criança pode criar situações que favorecem o desenvolvimento da sociabilidade, da cooperação e do respeito mútuo, possibilitando uma aprendizagem significativa. A relação com o outro permite um avanço maior na organização do pensamento do que se cada indivíduo estivesse só.

Podemos destacar que todos os autores citados até aqui, neste artigo, defendem a importância do trabalho em grupo como forma de interação com o outro, de troca, bem como a importância dessas relações para o desenvolvimento da aprendizagem. O trabalho em grupo vem sendo um recurso muito utilizado em sala de aula na construção de conceitos e na relação da teoria com a prática, pois apresenta muitas vantagens, que não estão disponíveis em ambientes de uma aprendizagem individualizada. Os autores defendem a ideia de que a constituição dos sujeitos, assim como seu aprendizado e seus processos de pensamento, ocorre mediada pela relação com as outras pessoas. Em relação ao trabalho em grupo, é preciso sempre ter como foco o objetivo do trabalho, o que queremos com ele e como ele vai ser planejado, desenvolvido, acompanhado e avaliado, para que realmente ele tenha razão de existir, levando em consideração todas as contribuições dadas pelos autores aqui citados.

### **2.3 As relações de grupo: questões significativas para potencializar a aprendizagem e o papel do professor nesse contexto**

Sabemos que trabalhar individualmente ou em grupos exige algumas habilidades dos nossos estudantes e que trabalhar e potencializar essas habilidades seria de extrema importância para toda a classe e para a escola no geral. Esta importância tem a ver com a troca, com ouvir a opinião do colega, com a autorregulação individual ou do grupo, a empatia, a solidariedade, os momentos de discussão e argumentação crítica, o conflito de ideias, enfim, com diversas questões necessárias para a interação do estudante a favor da aprendizagem. Vimos que muitos especialistas nos apontam a importância da interação em classe, evidenciando que é muito diferente para as crianças aprender com o professor (alguém mais velho, que domina os conteúdos) ou com os colegas (que têm a mesma idade e um nível de conhecimento mais próximo).

A formação de grupos é um momento, um espaço fundamental na sala de aula para que se construa uma participação democrática, a qual não é uma participação qualquer, mas uma participação em que há colaboração dos membros, respeito ao saber do outro, de modo que os estudantes se reconheçam como autores deste processo que é trabalhar em grupo, cada um com suas autorias, sua maneira de ser e expor suas competências no coletivo.

Quando falamos em construir uma participação democrática nos trabalhos em grupo, precisamos questionar: o que é um grupo? Um grupo implica a participação de todos, a reflexão sobre o que acontece no coletivo, o trabalho em prol de um objetivo e a reflexão sobre as produções que ali acontecem.

O professor desempenha um papel fundamental na constituição do grupo. Ele precisa ter clareza dos objetivos que quer alcançar e saber os papéis e as funções que estão se estruturando no grupo, bem como refletir sobre a prática e a teoria, a avaliação e o planejamento. Planejar atividades em grupo também exige que o educador conheça a turma. Na sala de aula, os estudantes acabam, naturalmente, descobrindo algumas afinidades – mas nem sempre isso tem a ver com os objetivos da aula. Daí também decorre a importância de trabalhar com parceiros diferentes em sala de aula, deixar de lado um pouco as “panelinhas” e interagir com outros colegas, experimentar papéis diferentes, exercitando, assim, algumas habilidades, como: a defesa de suas ideias, a aceitação dos outros, a solidariedade, a empatia e tantas outras importantes e necessárias para se trabalhar em grupo.

Sobre o professor saber lidar com as diferenças nestes grupos constituídos, Freire (2005, p. 35) coloca que:

o educador ou coordenador de um grupo é como um maestro que rege uma orquestra. Da coordenação sintonizada com cada diferente instrumento, ele rege a música de todos. O maestro sabe e conhece o conteúdo das partituras de cada instrumento e o que cada um pode oferecer. A sintonia de cada um com o outro, a sintonia de cada um com o seu maestro, a sintonia do maestro com cada um e com todos, é o que possibilita a execução da peça pedagógica. Esta é a arte de reger as diferenças, socializando os saberes individuais na construção do conhecimento generalizável e para a construção do processo democrático.

Sabemos que o professor é o maestro desta orquestra e tem um campo de conhecimento maior que o de seus estudantes. Claro que, em relação às aprendizagens e ao conhecimento, aparecerão, ao longo da caminhada, muitas diferenças de saberes entre os estudantes, mas cabe ao professor identificá-las e socializá-las de modo a otimizar a construção desses saberes na interação social dentro da sala de aula. O papel do professor é essencial nos grupos, pois cada estudante tem a sua autoria, a sua participação e a sua parcela de colaboração com o grupo, fatores que precisam ser articulados, o que é papel do professor, visando atingir o objetivo inicial do trabalho, justificando a razão de ser de um trabalho em grupo.

O trabalho em grupo é uma metodologia de ensino na qual os estudantes trabalham autonomamente, pesquisando e elaborando o conhecimento em equipe. Contudo, para que esse tipo de atividade seja possível, o professor deve ter em mente o objetivo que quer alcançar em sua proposta de trabalho, imprimindo uma dinâmica na aula que permita a participação dos estudantes. Nesse sentido, o processo deve ser conduzido com naturalidade, rapidez, planejamento e objetividade.

## 2.4 Metodologia

A abordagem utilizada nesta pesquisa foi a qualitativa. Acredita-se que esse tipo de pesquisa seja a mais adequada para o objetivo do projeto, que é conhecer os tipos de atividades em grupo e como funciona a sua dinâmica em sala de aula, por meio de coleta de dados com estudantes de 7º ano do Ensino Fundamental.

Para esta pesquisa, foi realizado um levantamento de dados, por meio de entrevistas com os estudantes, para entender quais as concepções que eles têm acerca da relação entre os trabalhos em grupo e os modos como as escolhas, os tipos de atividade, os critérios de organização de grupo e outros, interferem, ou não, nesta relação. As questões foram elaboradas levando em consideração os critérios que eram estabelecidos nos trabalhos em grupo, quais os tipos de trabalhos em grupo eram mais solicitados pelos professores, se os estudantes percebiam exclusão nos grupos e como faziam a intermediação, como resolviam os conflitos que ocorriam, e quais os mais frequentes, além de outras questões.

Os resultados coletados servirão de base para um projeto de intervenção junto aos professores e estudantes no que diz respeito a todas as etapas de um trabalho em grupo: formação, acompanhamento, critérios e avaliação.

## 3 · Considerações finais

O propósito desta pesquisa foi entender a intencionalidade do trabalho em grupo, verificando seus sentidos e significados na perspectiva de estudantes de 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular de Porto Alegre/RS. Analisando os questionários aplicados com alguns estudantes, foram verificadas algumas questões que precisam ser revistas sob o ponto de vista da gestão da sala de aula, como: lacunas no que se refere à orientação dos trabalhos em grupo, exclusão de colegas nos momentos de agrupamento e falta de clareza na elaboração e nos critérios de avaliação. Foi possível verificar que há uma diversidade de trabalhos solicitados pelos professores, como pesquisa, apresentação de vídeo, apresentações orais e escritas, mas que, muitas vezes, eles perdem seu sentido quando não há orientação adequada desde o início, da organização do grupo até os prazos de entrega e apresentação. Alguns grupos relataram que aparecem algumas dificuldades nos momentos das apresentações ou das entregas dos trabalhos que não são “administradas” de maneira clara pelos professores e que não há consenso entre os estes para avaliar os trabalhos realizados pelos estudantes. Outra questão bem importante observada foi em relação à inclusão e exclusão dos componentes dos grupos. Os estudantes relataram que sempre há exclusão de algum colega nos momentos de formação dos

grupos e que, geralmente, a situação é resolvida por eles mesmos ou pelo próprio colega que foi excluído. Essas situações, muitas vezes, parecem constranger alguns colegas pelo fato de não haver um planejamento, um critério estabelecido com antecedência para que essas situações não aconteçam.

Apesar de perceber que há uma necessidade significativa de rever os objetivos, os modos de formação e os critérios de avaliação dos trabalhos em grupo, os estudantes acham importante a troca com o outro, ou seja, trabalhar em grupo.

## Referências

DAVIS, Claudia; SILVA, Maria Alice Setubal; ESPÓSITO, Yara L. **Papel e valor das interações na sala de aula**. Cadernos de pesquisa, v. 71, p. 49-54, 1989.

FABRIS, F. Pichon-Rivière, **irrupción y génesis de un pensamiento**. Revista Intersubjetivo de Psicoterapia Psicoanalítica y Salud, v. 1, n. 10, p. 11-28, 2009.

FLORES, M.; GONZÁLEZ, S. **Medios ambientes de aprendizaje colaborativo en educación a distancia**: una experiencia en proceso. Escuela de Graduados en Educación, v. 5, p. 4-12, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LANE, Sílvia. **O processo grupal**. In: LANE, Sílvia; CODO, Wanderley (Orgs.). Psicologia social: o homem em movimento. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

LANE, Sílvia. **Uma análise do processo grupal**. Cadernos PUC, São Paulo, v. 11, p. 95-107, 1981.

LANE, Sílvia. A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia. In: LANE; S. T. M.; CODO, Wanderley (Eds.). Psicologia Social: O homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 10-19.

LEWIN, K. **Teoria de campo em ciência social**. São Paulo, Pioneira, 1965.

PIAGET, Jean. **Sobre a Pedagogia**. Porto Alegre: Casa do Psicólogo, 1998.